



Padilha, S. de J. Apresentação do dossiê temático “Como as diversas teorias e concepções de linguagens concebem a questão do sentido”: Revista Diálogos (RevDía). Dossiê “Como as diversas teorias e concepções de linguagens concebem a questão do sentido”. v. 4, n. 2, 2016. [http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia]

Apresentação do dossiê temático

“Como as diversas teorias e concepções de linguagens concebem a questão do sentido”

Simone de Jesus Padilha¹

¹ *Doutora em Linguística aplicada aos estudos da linguagem (Puc-Brasil [2005]). Departamento de Letras. Docente do curso de Letras e Letras-Libras. Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (Ppgel). Universidade Federal de Mato Grosso. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Rebak. Cuiabá. simonejp1@gmail.com*



Como as diversas teorias e concepções de linguagens concebem a questão do sentido: estudos linguísticos e literários v. 4, n. 2, 2016

Os artigos que compõem esse pequeno dossiê temático originaram-se na disciplina por mim ministrada “Teorias e Concepções de Linguagem”, no Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso, no primeiro semestre de 2016. O desafio colocado aos alunos era pensar justamente como o sentido era concebido nas diferentes concepções e teorias linguísticas, desde o maravilhoso *Crátilo* de Platão, até os estudos mais recentes na perspectiva discursiva crítica. A proposta também colocava a premissa de não perseguirmos, de forma sistemática, a área de estudos da linguagem denominada por “semântica”.

É claro que, por conta do tempo reservado à disciplina, 60 (sessenta) horas, era uma meta quase impossível verificar de forma aprofundada este aspecto – o sentido – objetivo que levaria, para sua exploração consistente, toda uma vida de estudos. Entretanto, o pouco que conseguimos vislumbrar já foi suficiente, creio, para que os alunos mestrandos e doutorandos criassem mais dúvidas (o que é, a nosso ver, muito saudável na formação de novos pesquisadores!) e formulassem mais questões, não considerando a questão do sentido como algo dado em cada palavra de cada vernáculo, de forma posta *a priori*, imutável.

Cito aqui dois momentos que foram, a meu ver, surpreendentes nesse processo de reflexão, um em que pensamos a questão da expressão “efeito de sentido” e seus prováveis sentidos: Por que efeito? Efeito é algo que vem de outro lugar, ou quer provocar algo em alguém? Se é efeito, existe o sentido em si? Não seria melhor pensarmos em sentido(S), da mesma linha que os linguistas aplicados pensaram em letramento(S)? Ou será que existe um Sentido, com letra maiúscula? Isso é muito idealista? Metafísico? Espiritual? Respostas...?



Outro momento foi o do exercício que propusemos com a palavra *golpe*, através de uma charge, num momento muito importante de nossa recente história política, os dias que antecederam o impeachment da Presidente Dilma Roussef. Daí pudemos ver, ao vivo e a cores, os sentidos ali vivos, fazendo história, fazendo cabeças, povoando as bocas, inflamando as línguas na imprensa e nas redes sociais.

Dentre os vários momentos em que se pensou a questão do sentido em ciências da linguagem, e em nossa disciplina, de alguma forma, ressalto a perspectiva bakhtiniana, para a qual o sentido só é possível no encontro entre dois sujeitos, levando em conta todos os aspectos envolvidos nesse encontro, seja na situação imediata ou no horizonte sócio-histórico-ideológico mais amplo. Por isso, o professor Augusto Ponzio, autoridade mundial em Bakhtin, diz ser a teoria bakhtiniana a “Linguística do Encontro”.

Dentre as diversas obras de Bakhtin e o Círculo a partir das quais podemos refletir a respeito dos sentidos (se não o conjunto todo da obra), cito o capítulo 7 do livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1929), cujo título é “Tema e Significação na Língua”, e em que Volochínov propõe, justamente, uma nova apreciação sobre a questão do sentido, sendo que “um sentido definido e único, uma significação unitária, é uma propriedade que pertence a cada enunciação *como um todo*” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2009 [1929], p. 133). A esse sentido ancorado em uma situação única e irrepitível, o autor sugere a denominação “tema”.

Assim, pensar a palavra “golpe”, ou a palavra “democracia”, em nosso contexto brasileiro é uma aventura dos sentidos para o analista, pois em cada enunciação delas teríamos um *tema* diferente. Para Volochínov, numa citação que muito me é cara: “o tema é uma *reação da consciência em devir ao ser em devir*” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2009 [1929], p. 134). Ou seja, nem há um sentido dado, *a priori*, nem interlocutores acabados, a determinar todos os sentidos.



A par disso, Volochínov não deixa de afirmar o aspecto estável da língua, propondo, ao lado do conceito de tema, o de *significação*: “Além do tema, ou mais exatamente, no interior dele, a enunciação é igualmente dotada de uma *significação*. Por *significação*, diferentemente do tema, entendemos os elementos da enunciação que são *reiteráveis* e *idênticos* cada vez que são repetidos” (idem, ibidem). De outra forma, sem estabilidade, seria impossível a própria língua, caso todos os sentidos e todos os elementos da língua fossem criados em cada nova enunciação.

Essas considerações bakhtinianas a respeito do sentido modificam todo um olhar ao qual estávamos acostumados, através de nossas lentes positivistas, que buscava o sentido ou no texto, no dicionário, na mente ou na memória do falante. Uma parte dele (ou deles) ali estará, de fato, mas todo o resto ainda está por acontecer. O sentido (ou os sentidos) mora(m) no devir.

Isso é mesmo um incômodo, essa terceira margem do rio bakhtiniana a respeito dos sentidos. Como aquela experiência da física quântica, que busca localizar uma partícula, mas no momento em que o físico acredita tê-la localizado, em tempo e posição, ela já não está mais lá. O sentido é aquele que sempre não está mais lá, quando nos damos conta dele. E conviver com a incerteza constitutiva dos sentidos entre sujeitos inacabados é mesmo muito difícil para as cabeças pensantes das ciências humanas ainda envoltas na aura positivista.

Tendo essas reflexões na cachola, nossos autores se aventuraram por nos falar um pouquinho, cada um a seu modo, a respeito dos sentidos nas teorias pelas quais trilharam mais detalhadamente. Assim, o dossiê temático se inicia com um artigo de um grupo de autores que buscam pensar o sentido no estruturalismo, em primeiro lugar a relação entre alguns aspectos estruturais e características presentes nas línguas de sinais, no texto *Diacronia e sincronia: questões estruturais e de sentido na Libras* e, ainda, *Estruturalismo linguístico: e os sentidos, como são constituídos?*



Da mesma forma, Benassi pensa a questão dos sentidos na música, sua seara, em [...] *E na música, como se dá o sentido?*. Já França e Rodrigues discorrem sobre a questão dos sentidos nas teorias da enunciação, no artigo *A enunciação na construção de sentidos*, tarefa bastante ousada no pouco espaço desse belo artigo.

Gonçalves e Covezzi prosseguem no dossiê com um objetivo bastante árduo: discutir a questão do sentido na teoria gerativo-transformacional em relação com a perspectiva bakhtiniana em *O gerativismo e a teoria da linguagem bakhtiniana: o sentido em perspectiva*.

Duarte persegue a questão do sentido pelo viés da ecolinguística e encerra o dossiê o artigo *Um recorte da variação linguística no Facebook: o falar recifence*, de autoria de Souza Júnior, Oliveira e Ramos de Oliveira, texto que explora a questão dos sentidos na sociolinguística.

Essa edição da Revista Diálogos ainda recebeu preciosos artigos de Pedrosa, explorando os sentidos da expressão “vote limpo” e de Santos, Kuhne e Nélío, sobre aprendizagem e comportamento na adolescência, publicados no CADERNO ARTIGOS LIVRES.

O CADERNO MONOGRAFIAS traz os trabalhos de Pereira, Romão e Santos e o CADERNO PRIMEIRA IMPRESSÃO traz quatro poemas, sendo dois de Alves e dois poemas de Benassi.

Esperamos que, assim como afirmou Bakhtin, os sentidos criados a partir da leitura dessa edição integrem, mesmo que pequena e pontualmente, o Grande Tempo dos estudos da linguagem:

Não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites). Nem os sentidos *do passado*, isto é, nascidos no diálogo dos séculos passados, podem jamais ser estáveis (concluídos, acabados de uma vez por todas): eles sempre irão mudar (renovando-se) no processo de desenvolvimento subsequente, fruto do diálogo. Em qualquer





momento do desenvolvimento do diálogo existem massas imensas e ilimitadas de sentidos esquecidos, mas em determinados momentos do sucessivo desenvolvimento do diálogo, em seu curso, tais sentidos serão lembrados e reviverão em forma renovada (em novo contexto). Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação. Questão do grande tempo. (BAKHTIN, 2006, p. 410).

Cuiabá, 18 de fevereiro de 2017.

Padilha

Profa. Dra. Simone de Jesus Padilha

